



Semana de 03 a 07 de maio de 2021.

Unidade escolar: EMEF Nicolas Thiago dos Santos Lofrani	
Componente curricular: Língua Portuguesa	
Professora: Raíssa Santos	
Aluno (a):	Série: 8º ano

Contos orais, contos escritos

Você vai refletir sobre a diferença entre contar uma história oralmente e contá-la por escrito. Um contador que tem contato direto com o público pode fazer uso da entonação da voz para imprimir mais ou menos dramaticidade, contando a história em um ritmo que considere adequado, fazendo gestos e expressões faciais que cativem o público. Mas como manter vivas, em um registro escrito, essas marcas de oralidade dos contadores de histórias?

É fato que muitas histórias transmitidas oralmente foram registradas por escrito, preservando assim as tradições. O contador-escritor, ao escrever um **conto**, sabe que raramente terá contato direto com o público que vai lê-lo, por isso tem de explorar ao máximo os recursos da linguagem escrita, para dar expressividade ao texto. Ele pode, por exemplo, reproduzir, no texto escrito, as falas das personagens (recorrer ao discurso direto), usando com cuidado e precisão os verbos de dizer (que introduzem os diálogos, como dizer, responder, afirmar, contestar etc.), os sinais de pontuação (por exemplo, ponto-final, ponto de interrogação, ponto de exclamação) etc. Quando um conto da tradição oral ou qualquer uma das manifestações transmitidas oralmente ganha registro escrito, é inevitável que sofra uma transformação.

Além dos contos da literatura oral que são registrados por escrito por alguém que os ouviu, há contos que já nascem com uma formatação escrita e com autoria, de modo geral, bem definida. Segundo muitos teóricos, esse tipo de conto atingiu seu esplendor no século XIX, quando autores como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert, Edgar Allan Poe, Eça de Queirós, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Artur Azevedo, Lima Barreto, entre outros, passaram a escrever esse gênero de texto. No século XX, outros



Prefeitura Municipal de Hortolândia

Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia.



autores se destacaram escrevendo contos, entre eles Mário de Andrade, João Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan.

ATIVIDADES

1. O conto popular é a narrativa produzida pelo povo e transmitida geralmente por meio da linguagem oral. O conto literário escrito, por sua vez, nasce com uma formatação escrita e autoria, em geral, definidas. Contados oralmente ou por escrito, o que, em sua opinião, não pode faltar em um conto?

2. Quando se fala em literatura, pensa-se logo em uma arte, em obras literárias produzidas para gerar emoção. É comum alguém dizer que as obras literárias ajudam as pessoas “a escaparem das quatro paredes que as circundam”. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

3. Levando em conta sua experiência pessoal, assinale as alternativas que revelem a forma como você reage à leitura de uma história:

() Ao ler uma história, sinto que posso conhecer mais profundamente o homem e a sociedade em que vivo.

() Ao ler uma história, sinto que aprendo com os personagens e encontro soluções possíveis para os problemas que vivo.

() Ao ler histórias, sinto prazer observando a maneira especial que o texto e as palavras estão organizados.

() Ao ler histórias, não sinto prazer nem aprendo nada.

() Ao ler histórias, viajo para outros mundos, solto a imaginação.



Semana de 10 a 14 de maio de 2021.

Unidade escolar: EMEF Nicolas Thiago dos Santos Lofrani	
Componente curricular: Língua Portuguesa	
Professora: Raissa Santos	
Aluno (a):	Série: 8º ano

Um conto contemporâneo

Você vai ler e analisar um conto contemporâneo, isto é, escrito nos tempos atuais. É um conto da autora Clarice Lispector. Ela nasceu na Ucrânia, mas seus pais imigraram para o Brasil pouco depois. Chegou a Maceió com dois meses de idade, com seus pais e duas irmãs. Seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1944. Em 1956, começou a escrever contos para a revista *Senhor*. Em 1960, publicou *Laços de família*, seu primeiro livro de contos. O conto que você lerá agora foi lançado em 1971, na obra *Felicidade clandestina*, que reúne outros contos célebres dessa escritora.

É importante que você faça primeiro uma leitura silenciosa para conhecer o enredo da história. Depois releia o conto em voz alta, prestando atenção nos personagens, na descrição do espaço e nas diversas maneiras que o narrador encontra para prender a atenção do leitor.

ATIVIDADES

Felicidade clandestina

Quem nunca roubou não vai me entender. E quem nunca roubou rosas, então é que jamais poderá me entender. Eu, em pequena, roubava rosas.



Prefeitura Municipal de Hortolândia



Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia.

Havia em Recife inúmeras ruas, as ruas dos ricos, ladeadas por palacetes que ficavam no centro de grandes jardins. Eu e uma amiguinha brincávamos muito de decidir a quem pertenciam os palacetes. “Aquele branco é meu.” “Não, eu já disse que os brancos são meus.” “Mas esse não é totalmente branco, tem janelas verdes.” Parávamos às vezes longo tempo, a cara impressada nas grades, olhando.

Começou assim. Numa das brincadeiras de “essa casa é minha”, paramos diante de uma que parecia um pequeno castelo. No fundo via-se o imenso pomar. E, à frente, em canteiros bem ajardinados, estavam plantadas as flores.

Bem, mas isolada no seu canteiro estava uma rosa apenas entreaberta cor-de-rosa-vivo. Fiquei feito boba, olhando com admiração aquela rosa altaneira que nem mulher feita ainda não era. E então aconteceu: do fundo de meu coração, eu queria aquela rosa para mim. Eu queria, ah como eu queria. E não havia jeito de obtê-la. Se o jardineiro estivesse por ali, pediria a rosa, mesmo sabendo que ele nos expulsaria como se expulsam moleques. Não havia jardineiro à vista, ninguém. E as janelas, por causa do sol, estavam de venezianas fechadas. Era uma rua onde não passavam bondes e raro era o carro que aparecia. No meio do meu silêncio e do silêncio da rosa, havia o meu desejo de possuí-la como coisa só minha. Eu queria poder pegar nela. Queria cheirá-la até sentir a vista escura de tanta tonteira de perfume.

Então não pude mais. O plano se formou em mim instantaneamente, cheio de paixão. Mas, como boa realizadora que eu era, raciocinei friamente com minha amiguinha, explicando-lhe qual seria o seu papel: vigiar as janelas da casa ou a aproximação ainda possível do jardineiro, vigiar os transeuntes raros na rua. Enquanto isso, entreabri lentamente o portão de grades um pouco enferrujadas, contando já com o leve rangido. Entreabri somente o bastante para que meu esguio corpo de menina pudesse passar. E, pé ante pé, mas veloz, andava pelos pedregulhos que rodeavam os canteiros. Até chegar à rosa foi um século de coração batendo.

Eis-me afinal diante dela. Paro um instante, perigosamente, porque de perto ela ainda é mais linda. Finalmente começo a lhe quebrar o talo, arranhando-me com os espinhos, e chupando o sangue dos dedos.

E, de repente – ei-la toda na minha mão. A corrida de volta ao portão tinha também de ser sem barulho. Pelo portão que deixara entreaberto, passei segurando a rosa. E então nós duas pálidas, eu e a rosa, corremos literalmente para longe da casa.

O que é que fazia eu com a rosa? Fazia isso: ela era minha.



Prefeitura Municipal de Hortolândia



Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia.

Levei-a para casa, coloquei-a num copo d'água, onde ficou soberana, de pétalas grossas e aveludadas, com vários entretons de rosa-chá. No centro dela a cor se concentrava mais e seu coração quase parecia vermelho.

Foi tão bom.

Foi tão bom que simplesmente passei a roubar rosas. O processo era sempre o mesmo: a menina vigiando, eu entrando, eu quebrando o talo e fugindo com a rosa na mão. Sempre com o coração batendo e sempre com aquela glória que ninguém me tirava.

Também roubava pitangas. Havia uma igreja presbiteriana perto de casa, rodeada por uma sebe verde, alta e tão densa que impossibilitava a visão da igreja. Nunca cheguei a vê-la, além de uma ponta de telhado. A sebe era de pitangueira. Mas pitangas são frutas que se escondem: eu não via nenhuma. Então, olhando antes para os lados para ver se ninguém vinha, eu metia a mão por entre as grades, mergulhava-a dentro da sebe e começava a apalpar até meus dedos sentirem o úmido da frutinha. Muitas vezes na minha pressa, eu esmagava uma pitanga madura demais com os dedos que ficavam como ensangüentados. Colhia várias que ia comendo ali mesmo, umas até verdes demais, que eu jogava fora.

Nunca ninguém soube. Não me arrependo: ladrão de rosas e de pitangas tem 100 anos de perdão. As pitangas, por exemplo, são elas mesmas que pedem para ser colhidas, em vez de amadurecer e morrer no galho, virgens.

– Clarice Lispector, no livro “Felicidade clandestina”. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

1. É por meio da visão do narrador que a história é transmitida. Quem narra o texto?

2. Retire do texto uma frase em que seja possível perceber a emoção do narrador que conta a história.

3. O clímax é o ponto do texto em que o interesse do leitor se mostra mais intenso, ou seja, é a parte do enredo em que os acontecimentos centrais ganham o máximo de tensão para os personagens envolvidos. As ações dos personagens evoluem porque há



Prefeitura Municipal de Hortolândia



Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia.

causas que as determinam ou porque elas vão se sucedendo no decorrer do texto.

Portanto, no conto, qual é o momento de maior tensão, que prende a atenção do leitor?

4. Tema é o assunto que é tratado no texto. Qual das alternativas abaixo pode, em sua opinião, expressar o tema do conto Cem anos de perdão?

- () O texto trata de duas personagens que gostam de roubar rosas e pitangas.
- () O texto coloca a satisfação de um desejo acima das consequências que ele pode causar.
- () O texto incentiva o leitor a cometer pequenos atos ilícitos, já que o título sugere a ideia de perdão.
- () O texto trata da paixão da personagem principal por atos ilegais, como roubar rosas e pitangas.